



BENZA, Rodrigo. Exploração de temas na oficina de teatro intercultural: interculturalidade, identidade e discriminação. Florianópolis: UDESC. PPGT; Mestrando; Orientadora: Marcia Pompeo Nogueira. Bolsa CAPES/DS.

Resumo: Entre agosto e outubro de 2011 realizei duas oficinas de teatro intercultural com estudantes indígenas e mestiços da *Universidad Intercultural de la Amazonia* (UNIA) localizada na cidade de Pucallpa na Amazônia peruana. Os temas mais relevantes que surgiram nas improvisações durante a oficina foram interculturalidade, identidade e discriminação. O artigo apresenta como os participantes utilizaram o espaço teatral para expressar seus pontos de vista sobre estes temas, como estes são parte fundamental do seu cotidiano e como se relacionam com eles. Neste sentido, a oficina de teatro se apresenta como um espaço de exploração e reflexão sobre o contexto dos participantes e a própria sociedade.

Palavras-chave: oficina de teatro, interculturalidade, identidade, discriminação

Abstract: Between August and October 2011, I made an intercultural theater workshop with indigenous and mestizo students of the *Universidad Intercultural de la Amazonia* (UNIA) in the city of Pucallpa in the Peruvian Amazon. The major themes that emerged during the workshop thru the work with improvisations were cultural identity, intercultural and discrimination. This article shows how the participants used the theatrical space to express their views on these issues as these are a fundamental part of their daily lives, and how they relate with them. In this sense, the theater workshop is presented as a space of exploration and reflection on the context of the participants and on society.

Keywords: theatre workshop, intercultural, identity, discrimination.

Entre agosto e outubro de 2011, realizei duas oficinas de teatro com estudantes da *Universidad Intercultural de la Amazonia* (UNIA¹) localizada na cidade de Pucallpa na Amazônia peruana. Os participantes das oficinas foram estudantes indígenas e mestiços² da Universidade, com os quais se trabalhou em base a jogos e criação de cenas. Nesta experiência foi importante gerar um espaço e diversos canais de expressão dos temas de interesse dos participantes. No contexto intercultural isto é particularmente relevante porque muitas vezes os problemas de comunicação têm início no pressuposto, ou nos preconceitos, dos envolvidos neste encontro.

Além disso, como afirma Chris Johnston (1998, p. 10), o drama tem um caráter de celebração no qual os sonhos podem ser exteriorizados, reconhecendo que, abaixo da superfície, todos temos aspirações e fantasias que não encontram formas de serem expressas na vida cotidiana. Segundo Hellen Nicholson (2005, p. 66), ao fazer com que as fronteiras entre o real e a ficção sejam difusas, gera-se um espaço seguro para que os participantes transformem suas experiências em metáforas ou para encontrar pontos de encontro que são apresentados teatralmente. Para ela, nesta justaposição, podem surgir novos entendimentos.

A ficção tem esse poder de gerar um distanciamento no qual, como afirmam Tim Prentki e Jan Selman (2000, p. 101), pode-se dizer o indizível e graças ao poder de simbolização e da metáfora, pode-se entrar em terrenos perigosos sejam estes emocionais, sociais ou políticos. Segundo Phillip Taylor (2003, p.82), este “marco de

referência distanciado” consegue fazer com que, através do uso da analogia, possa lidar-se com cenas dolorosas, podendo fazer um paralelo com a vida real através de uma “observação indireta”.

Sobre interculturalidade

A interculturalidade, em linhas gerais, pode ser definida como a troca entre membros de duas ou mais culturas. Segundo Fidel Tubino (2003, p. 4), esta pode ser interpretada como a relação entre culturas existentes, como a elaboração de propostas que possam diminuir as assimetrias culturais que possibilitem procurar soluções concertadas ou, inclusive, como “revalorização de identidades étnicas”, por colocar alguns exemplos.

Para Alessandra Dibós (2005, p. 3), existem cinco elementos principais que constituem o conceito de interculturalidade: Sua natureza inconclusa, seu enfoque crítico das estruturas de poder, sua consciência histórica, sua disposição dialógica, sua abertura e o caráter solidário para com o outro. Estes elementos são úteis não necessariamente para achar uma definição de interculturalidade, mas para ter uma guia de interpretação sobre o intercultural.

No contexto das oficinas esse elemento estava muito presente não só porque estávamos numa universidade intercultural e os participantes eram de distintas culturas, mas porque estávamos gerando um espaço de trabalho que permitia a reflexão e discussão sobre a interculturalidade. Para os participantes indígenas das oficinas, era muito claro que a interculturalidade devia ser o aprendizado de ambas as partes: eu aprendo do outro e o outro aprende de mim. Acho que a ênfase no termo *aprendizado* também tem a ver com o contexto universitário já que muitos estudantes indígenas sentem que seus conhecimentos não são valorizados. Outra característica da interculturalidade, para eles, é que é um conceito oposto ao da discriminação. Quem discrimina não pratica a interculturalidade.

Num dos encontros focamos o trabalho teatral na ideia da interculturalidade. Um dos grupos encenou uma aula mostrando sua visão sobre ela. Alver, um dos participantes da etnia Awajun³, representou o professor Carlos Ferrer:

CARLOS: Temos conhecido diferentes etnias de companheiros, como a gente diz, esta universidade nos facilita o conhecer, a troca entre todos nós. Aqui não existe que ele vem do povo, nada, aqui somos uma família só. Então, interculturalidade é compartilhar entre ambos, né? Eu aprendo de vocês, vocês aprendem de mim. Não pensem que o docente sabe tudo. Docente dará 20% só, vocês pesquisem, tá bom? Então, dessa forma continuaremos. Vou explicar introdução sobre interculturalidade: Interculturalidade é recente, acabou de começar, há muitos conflitos, mas vamos aprender, assim como lhes falo, sobre compartilhar entre culturas, de diferentes culturas.

O professor deixa para os estudantes se apresentarem em grupo para depois cada um apresentar algum companheiro. Neste momento acontece um cruzamento entre a realidade e a ficção muito clara. Os estudantes David, representado por John (mestiço); Zacarias representado por Marcos (Shawi), e Oscar, representado por Santiago (Wampis), se conhecem e apresentam aos companheiros na cena. Os personagens se

conhecem na ficção, mas, ao mesmo tempo, os atores também estão se conhecendo na realidade.

A cena toda mostra o que eles acham que deve ser a interculturalidade dentro da sua universidade. Neste momento, o trabalho teatral se tornou um espaço não só de conhecimento do outro, mas também um meio de expressar suas ideias e aspirações.

Sobre identidade

Outro dos temas que surgiu no trabalho teatral foi o da identidade cultural. A nossa identidade é formada por múltiplos elementos dinâmicos que vamos adquirindo na vida, enquanto outros desaparecem, cobram protagonismo ou ficam em um segundo plano. Segundo Amin Maalouf (2007, p. 18-19), “todas as experiências e sentidos que damos aos diferentes aspectos da nossa vida (religião, língua, atividade laboral, etc.) configuram nossa identidade”. Quando falamos em identidade cultural, pode-se afirmar que esta é formada em oposição à dos outros grupos com os quais se está em contato (CUCHE, 2002, p. 182). Neste sentido, “a identidade existe sempre em relação a uma outra. Ou seja, identidade e alteridade estão ligadas em uma relação dialética” (CUCHE, 2002, p. 183). A relação com o outro, com o diferente, então, é fundamental para a formação e a permanente transformação das identidades.

Num dos encontros da segunda oficina os participantes formou-se um grupo da cultura Awajun e um grupo de mestiços. Cada grupo devia fazer uma cena representando sua cultura. O grupo Awajun apresentou uma cena em que um homem convida seus vizinhos para trabalhar na sua chácara. Todos aceitam. No dia seguinte chegam, bebem *masato*⁴ e trabalham a terra. No final do trabalho comem, bebem e dançam. Os Awajun mostraram como característica cultural o espírito de colaboração, o trabalho coletivo e recíproco e a celebração misturada com o trabalho, através de uma atividade tipicamente rural que é a limpeza da chácara.

Os mestiços apresentaram uma cena de preparação da festa de 15 anos de uma moça. Ela era muito mimada e exigia tudo de seus pais. Ela tinha visto na televisão que havia uma empresa que organizava festas e decidiu que queria isso para seus 15 anos. Os pais tinham muito dinheiro, falavam por celular, tinham carro com chofer. Eles fazem tudo o que a filha pede. A festa é um sucesso. A análise desta cena feita pelo grupo se focou no costume de celebrar os aniversários, principalmente dos 15 anos, já que, segundo os participantes, as culturas indígenas não têm esse costume. John, estudante mestiço de engenharia, que foi um dos atores, diz que queriam mostrar como os mestiços utilizam a tecnologia: celulares e carro. Pode-se ver nesta cena o tema do dinheiro, da influência da mídia, da necessidade de ter status social, e a ênfase no individual. Tudo gira em torno dos desejos da moça, e não do coletivo.

Ambas as cenas mostraram o que eles mesmos acham sobre suas culturas e foram uma fonte de conhecimento sobre eles mesmos e sobre a outra cultura e, ao mesmo tempo, um ponto de partida para discutir sobre as diferenças culturais.

Sobre discriminação

A discriminação foi um dos temas que esteve mais presente nos momentos de criação de cenas. É importante apontar que a discriminação tanto racial quanto cultural é uma

realidade cotidiana no Peru. Num dos encontros da primeira oficina pedi para eles criarem uma cena da sua vida cotidiana. Um dos grupos criou uma cena na sala de aula, na qual o professor pede um trabalho em grupo, mas os mestiços não querem se juntar com os indígenas. Os indígenas não sabem usar computador, portanto fazem o trabalho escrito com caneta. Os mestiços não fazem nada e na hora de entregar o trabalho, roubam o dos indígenas e colocam seus nomes. Os indígenas denunciam os mestiços que são repreendidos pelo professor. Todos se dão conta de que não é bom discriminar e é melhor estarem unidos.

Na conversa depois do trabalho, Robert, participante da etnia Awajun, apontou o seguinte:

Povos indígenas [...] nunca se deram bem com os mestiços dentro de um ambiente. E têm irmãos mestiços que não conhecem a interculturalidade. [...] Alguns dizem que são macacos, ou seja, os que vivem na floresta são macacos e não sabem, e ‘nós somos os que mais sabemos.’ E sobre isso trataram aqui dentro da sala de aula, e no final chegaram a um acordo para que não exista mais discriminação, se não, que sejamos como irmãos e, finalmente, conheceu a interculturalidade, a equidade, a igualdade para todos. (informação verbal)⁵.

Reyner (etnia Awajun) adiciona:

Poderia se dizer também que em muitas instituições acontece isso, que os mestiços sempre querem dominar o povo indígena, mas no tema que estão apresentando foi que no final, já compartilhando, foram vendo como são as coisas. Que os povos indígenas também têm a mesma capacidade do que os mestiços. (informação verbal)⁶.

Esta cena mostra uma situação de injustiça, de abuso, motivada pela discriminação. Na UNIA, os estudantes indígenas têm que demonstrar permanentemente que têm a mesma capacidade que os mestiços. Quando perguntei se também acontecia o contrário, me disseram que sim. Quando recebem insultos dos mestiços, agora lhes respondem também com insultos dizendo: “Quero ver se tu podes falar minha língua” ou “sangue de porco, não como eu que tenho sangue puro”, que, para eles, são insultos muito fortes.

Num encontro da segunda oficina, se formou um grupo integrado por estudantes de diferentes etnias. Eles fizeram uma cena que representava uma aula da universidade. Nela, a professora pediu para cada um se apresentar. Quando os mestiços descobriram que os que estavam ao lado eram indígenas, se afastaram. Então, os indígenas comentaram que os mestiços não querem falar nem compartilhar com eles. Esta cena tem semelhanças com a que foi descrita anteriormente. O mais interessante é que os participantes que criaram esta cena não tinham participado da primeira oficina nem sabiam que uma cena parecida tinha sido feita. Edinzon, um dos participantes da etnia Asháninka, comenta o seguinte sobre a cena: “Na aula na qual estou agora, igual: ‘eles são indígenas’ e os mestiços se sentam na frente e os indígenas atrás. Então os mestiços [...] não compartilham. Sim, isso existe, apesar de estarmos numa universidade intercultural”⁷.

A partir destas cenas criamos coletivamente uma peça sobre os problemas da Universidade que foi apresentada para os companheiros e professores no auditório da mesma. A peça mostrava a discriminação na sala de aula, a corrupção, os problemas de lixo, e também o benefício de conhecer pessoas de outras culturas.

Desta forma, no espaço da oficina teatral se canalizou a expressão e reflexão de temas que são parte do cotidiano dos participantes. Ao mesmo tempo tornou-se um espaço de conhecimento do outro, de troca e de crítica das estruturas de poder e de discriminação, a partir de uma relação dialógica própria da interculturalidade.

Referências

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciencias sociais**. Bauru: EDUSC, 2002

DIBÓS, A. **Entre el ser y la nada: Interculturalidad en el Estado peruano. Un análisis del concepto y de la práctica constitucional y ejecutiva**. 2005. Disponível em:

http://www.cholonautas.edu.pe/modulo/upload/InterculturalidadADIBOS_RPcorto.pdf

Acesso em: 15 set. 2012

JHONSTON, C. **House of Games**. London: Nick Hern Books Limited, 1998

MAALOUF, A. **Identidades Asesinas**. Madrid: Alianza editorial, 2007.

NICHOLSON, H. **Applied drama: the gift of theatre**. Hampshire: Palgrave Macmillan, 2005.

PRENTKI, T; SELMAN, J. **Popular Theatre in Political Culture**. Britain and Canada in focus. Wiltshire: Intellect Books, 2000.

TAYLOR, P. **Applied Theatre: creating transformative encounters in the community**. Portsmouth. Heinemann, 2003.

TUBINO, F. Del interculturalismo funcional al interculturalismo crítico. 2003. Disponível em: <http://red.pucp.edu.pe/ridei/temas/del-interculturalismo-funcional-al-interculturalismo-critico/>. Acesso em: 23 set. 2012.

- 1 Fundada com o objetivo de oferecer educação superior aos indígenas desde uma perspectiva intercultural. Hoje, a maioria dos estudantes é mestiça.
- 2 Os mestiços na Amazônia peruana são aqueles que não se reconhecem como indígenas e que não falam uma língua indígena.
- 3 O grupo étnico Awajun habita a zona norte da Amazônia peruana e é um povo tradicionalmente guerreiro.
- 4 Bebida alcoólica feita em base a mandioca fermentada.
- 5 Intervenção de Robert Ugkush durante a oficina em Pucallpa, 23 de agosto de 2011.
- 6 Intervenção de Reyner Yatsupish durante a oficina em Pucallpa, 23 de agosto de 2011.
- 7 Intervenção de Edinzon Pérez durante a oficina em Pucallpa, 21 de setembro de 2011.